



## O grande salão

Hoje faz trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses despertaram ao som dos sinos tocando em alto e bom som no triplo recinto que compreendia a Cité, a Universidade e a Cidade.

No entanto, os historiadores não registraram nenhuma recordação especial daquele 6 de janeiro de 1482. Nada havia de extraordinário nesse acontecimento que movimentou, logo pela manhã, os sinos e os burgueses de Paris. Não se tratava de um ataque da Picardia ou da Borgonha, nem de uma urna conduzida por uma procissão, ou de uma revolta de estudantes no vinhedo de Laas, tampouco da chegada de nosso muito temido senhor, o rei, nem sequer do enforcamento de um condenado ou uma condenada pela Justiça de Paris. Também não foi o surgimento, tão frequente no século XV, de alguma embaixada extravagante e pomposa. Havia apenas dois dias que a última cavalgada desse tipo, a dos embaixadores flamengos, encarregados dos últimos acertos para a celebração do casamento entre o Delfim e Margarida de Flandres, tinha chegado a Paris, para grande aborrecimento do cardeal de Bourbon. Para agradar o rei, ele teve de ser cordial com toda aquela rústica multidão de burgomestres flamengos e adulá-los, em seu

palácio de Bourbon, com uma mui bela moralidade, *sotie*<sup>1</sup> e farsa, enquanto uma chuva torrencial inundava a bela tapeçaria à sua porta.

Em 6 de janeiro, o que comoveu toda a população de Paris, como disse Jehan de Troyes, foi a dupla solenidade, unida desde tempos imemoriais, do Dia dos Reis e da Festa dos Bufos.

Naquele dia, haveria uma fogueira comemorativa na Grève, plantação de maio na capela de Braque e mistério no Palácio da Justiça. O anúncio tinha sido feito no dia anterior, ao som de trombetas, nos cruzamentos das ruas, pelos enviados do senhor preboste que vestiam belos trajes de chamalote violeta, enfeitados com grandes cruces brancas no peito.

Logo pela manhã, a multidão de burgueses e burguesas começou a surgir de toda parte, deixando a própria casa e as lojas ainda fechadas e seguindo para um dos três lugares designados. Todos haviam tomado sua decisão, fosse pela fogueira comemorativa, fosse pela plantação de maio ou pelo mistério. É importante dizer, em louvor ao velho bom senso da gente comum de Paris, que a maior parte da multidão dirigiu-se para a fogueira comemorativa – bastante propícia para o inverno – ou para o mistério, que seria representado no grande Salão do Palácio, bem protegido e fechado, e que os curiosos concordaram em deixar o pobre maio mal florido tiritar sozinho sob o céu de janeiro no cemitério da capela de Braque.

O povo afluía principalmente para as avenidas do Palácio da Justiça, porque sabia que os embaixadores flamengos, que tinham chegado na véspera, assistiriam à representação do mistério e à eleição do papa dos bufos, que também aconteceria no grande salão.

Não foi fácil entrar naquele dia no grande salão, que era então considerado o maior recinto coberto do mundo (ainda que Sauval não houvesse medido o grande salão do castelo de Montargis<sup>2</sup>). A Praça do Palácio, repleta

---

<sup>1</sup> Farsa satírica muito comum no século XIV. (N.T.)

<sup>2</sup> Henri Sauval, *Histoire et Recherches des Antiquités de La Ville de Paris*, Moette et Chardon (3 vol.), Paris, 1724. (N.T.)

de gente, oferecia aos curiosos das janelas a aparência de um mar onde cinco ou seis ruas, como tantas embocaduras de rios, desaguavam a cada momento novas ondas de cabeças. As ondas dessa multidão, incessantemente ampliadas, colidiam nas esquinas entre as casas que se prolongavam aqui e ali, como promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica<sup>3</sup> do Palácio, a grande escadaria, em que um duplo fluxo de pessoas subia e descia incansavelmente, depois de se quebrar sob o alpendre intermediário, espalhava-se em ondas largas pelas duas rampas laterais. Essa grande escadaria, como eu dizia, fluía incessantemente para a praça, como uma cachoeira em um lago. Os gritos, os risos, a trepidação daqueles mil pés resultavam em um grande tumulto e um grande clamor. De tempos em tempos, esse clamor e esse tumulto redobravam, e a corrente que empurrava toda a multidão para a grande escadaria mudava de rumo, perturbada, turbilhonando. Era a investida de um arqueiro ou o cavalo de um sargento do prebostado distribuindo coices para restaurar a ordem, tradição admirável que o preboste legou ao condestável, o condestável ao marechal, e o marechal à nossa gendarmaria de Paris.

Nas portas, nas janelas, nas claraboias, sobre os telhados, formigavam milhares de belas figuras burguesas, calmas e honestas, observando o Palácio, admirando a multidão, e não querendo nada além disso, pois muitas pessoas, em Paris, satisfazem-se com o espetáculo dos espectadores, o que já é, para nós, uma coisa muito curiosa: uma muralha atrás da qual alguma coisa acontece.

Se fosse dado a nós, homens de 1830, o direito de nos misturar em pensamento com aqueles parisienses do século XV e poder entrar com eles, aos puxões, cotoveladas e empurrões, naquela imensa sala do Palácio, tão

---

<sup>3</sup> A palavra *gótico*, no sentido em que é geralmente usada, é perfeitamente inapropriada, mas perfeitamente consagrada. Nós a aceitamos, portanto, e adotamos, como todo mundo, para caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, aquela cuja ogiva é o princípio, que sucede à arquitetura do primeiro período, cujo motivo gerador é o cimbri completo. (N.A.)

estreita, em 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não seria nem desinteressante nem sem charme, e teríamos à nossa volta apenas coisas tão antigas que nos pareceriam novíssimas.

Se o leitor consentir, tentaremos encontrar em pensamento a impressão que isso nos teria provocado ao atravessar o limiar desse grande salão no meio dessa multidão vestindo tabardos, túnicas e vasquinhas.

Em primeiro lugar, zumbido nos ouvidos, brilho nos olhos. Acima da nossa cabeça, uma abóbada dupla em ogiva, revestida de lambris de madeira, pintada de azul e decorada com flores-de-lis de ouro; sob nossos pés, um piso de mármore que alternava branco e preto. A poucos passos, uma enorme pilastra, seguida por outra, mais adiante; ao todo, sete pilastras distribuídas ao longo do salão sustentavam as bases da dupla abóbada. Em torno das primeiras quatro pilastras, bancas de mercadores, todas cintilando objetos brilhantes e reluzentes; em volta das três últimas, bancos de madeira de carvalho, gastos e polidos pelos calções dos litigantes e pelas togas dos promotores. Ao redor do salão, ao longo da alta muralha, entre as portas, as sacadas e os pilares, a interminável fileira de estátuas de todos os reis da França, desde Pharamond: os reis preguiçosos, com os braços pendurados e os olhos abaixados; os reis valentes e lutadores, cabeça e mãos corajosamente elevadas ao céu. Ao longo das janelas ogivais, vitrais de mil cores; nas largas saídas do salão, ricas portas finamente esculpidas; e o todo, abóbada, pilares, muralhas, lambris, painéis, portas, estátuas, coberto de cima a baixo por uma esplêndida iluminura azul e dourada, que, já um pouco desbotada no momento em que a vemos, tinha quase desaparecido inteiramente sob o pó e as teias de aranha no ano da graça de 1549, quando Du Breul ainda o admirava pela tradição.

Imagine agora esse imenso salão oblongo, iluminado pela pálida luz de um dia de janeiro, invadido por uma colorida e ruidosa multidão que caminha ao longo das paredes e gira em torno das sete pilastras, e já temos uma confusa ideia da cena, cujos detalhes curiosos vamos tentar descrever com mais precisão.

É certo que, se Ravaillac não tivesse realmente assassinado o rei Henrique IV, não haveria documentos do processo de Ravaillac entregues ao tribunal do Palácio de Justiça nem cúmplices interessados em fazer os tais documentos desaparecer; e, portanto, não haveria nenhum incendiário, por falta de meios, para queimar o tribunal ou incendiar o Palácio de Justiça. Logo, nada de incêndio em 1618. Se o antigo Palácio ainda estivesse de pé com seu antigo grande salão, eu poderia dizer ao leitor “Vá e veja”, e nós estaríamos ambos dispensados, eu de fazer e ele de ler uma descrição como esta. Isso prova esta nova verdade: que os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

É verdade que seria muito possível, primeiro, que Ravaillac não tivesse cúmplices, depois, que seus cúmplices, se por acaso os tivesse, não fossem culpados pelo incêndio de 1618. Há duas outras explicações muito plausíveis. A primeira é a grande estrela em chamas, com trinta centímetros de largura e quarenta e cinco de altura, que caiu do céu sobre o Palácio, como todos sabem, no dia 7 de março, depois da meia-noite. A segunda é a quadra do Théophile:

*Decerto foi um triste jogo  
Quando em Paris a senhora Justiça,  
Por comer demasiada especiaria,  
Fez todo o palácio arder em fogo.*

O que quer que se pense dessa tripla explicação política, física e poética do incêndio do tribunal em 1618, o único fato, infelizmente certo, é o incêndio. Pouca coisa ainda resta hoje, graças a essa catástrofe, graças, sobretudo, às sucessivas restaurações que acabaram definitivamente com o que tinha sido poupado pelo incêndio. Pouco resta dessa primeira morada dos reis da França, desse antigo Palácio do Louvre, datado da época de Filipe, o Belo, onde se procurou por vestígios dos magníficos edifícios construídos

pelo rei Robert e descritos por Helgaldus. Quase tudo desapareceu. O que aconteceu à câmara da chancelaria onde São Luís **consumou seu casamento**? O jardim onde ele fazia justiça, “vestido com uma cota de chamalote, um tabardo de seriguilha sem mangas e um sobretudo de cendal preto, estendido sobre tapetes, acompanhado de Joinville”? Onde está o quarto do imperador Sigismund? O de Carlos IV? O de João Sem-Terra? Onde está a escadaria de onde Carlos VI promulgou seu édito de clemência? A laje onde Marcel enforcou, na presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal de Champagne? A gelosia onde as bulas do antipapa Bento foram rasgadas e de onde partiram aqueles que as trouxeram, vestidos e penteados de modo a serem zombados e sendo obrigados a desfilar por Paris? E o grande salão, com seus dourados, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, seus pilares, sua imensa abóbada toda cravada de esculturas? E a sala dourada? E o leão de pedra que ficava na porta, com a cabeça baixa, a cauda entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, com a postura humilhada que convém à força perante a justiça? E as belas portas? E os belos vitrais? E as ferragens esculpidas que desencorajavam Biscornette? E as delicadas marcenarias de Du Hancy? O que fez o tempo, o que fizeram os homens com essas maravilhas? O que nos foi dado no lugar de tudo isso, de toda essa história gaulesa e de toda essa arte gótica? Os pesados arcos rebaixados do senhor De Brosse, o arquiteto *gauche* do portal Saint-Gervais, diziam respeito à arte; e, quanto à história, temos as lembranças tagarelas da pilastra central que ainda ressoam as fofocas dos Patrus.

Não é muita coisa. Voltemos ao verdadeiro grande salão do verdadeiro antigo palácio.

As duas extremidades desse gigantesco paralelogramo estavam ocupadas, uma pela famosa mesa de mármore, tão comprida, tão larga e tão espessa como nenhuma outra, dizem os antigos documentos feudais, em um estilo que abriria o apetite de Gargântua, que nunca viu **semelhante peça de mármore no mundo**; a outra, pela capela onde Luís XI mandou

esculpir sua figura de joelhos diante da Virgem, e para onde ele havia transportado, sem se preocupar em deixar vazios dois nichos na fileira das estátuas de reis, as estátuas de Carlos Magno e de São Luís, dois santos que ele supunha ter um forte crédito nos céus, como reis da França. Essa capela, ainda nova, construída havia apenas seis anos, tinha o sabor encantador da arquitetura delicada, da escultura maravilhosa, da fina e profunda cinzeladura que marca para nós o fim da era gótica e se perpetua até meados do século XVI, nas feéricas fantasias do Renascimento. A pequena rosácea fixada acima do portal era em particular uma obra-prima de graça e delicadeza que parecia uma estrela rendada.

No meio do salão, em frente à grande porta, foi erguido um estrado de brocado de ouro, encostado à parede, no qual havia um acesso particular por meio de uma janela do corredor da sala dourada, destinada aos enviados flamengos e às outras importantes figuras convidadas para a representação do mistério.

De acordo com o costume, o mistério seria representado sobre a mesa de mármore. A mesa tinha sido preparada para isso logo pela manhã; seu rico tampo de mármore, todo arranhado pelo solado dos sapatos da *basoche*<sup>4</sup>, sustentava uma caixa de madeira relativamente alta, cuja superfície superior, visível de toda a sala, serviria como um teatro, e cujo interior, coberto por tapeçarias, faria as vezes de camarim para os atores da peça. Uma escada colocada do lado de fora estabeleceria a comunicação entre o palco e o camarim e emprestaria seus degraus íngremes para as entradas e saídas. Não havia personagem tão improvisado, nenhuma peripécia ou reviravolta cênica que não precisasse subir por essa escada. Infância inocente e venerável da arte e das máquinas!

Quatro sargentos do bailio do Palácio, guardiães obrigatórios de todos os prazeres do povo nos dias de festa e nos de execução, estavam em pé nos quatro cantos da mesa de mármore.

---

<sup>4</sup> Antiga associação hierarquizada de clérigos e procuradores do Parlamento de Paris com numerosos privilégios, como, por exemplo, uma jurisdição particular. (N.R.)